

As vozes literárias na construção da Idade Média

Profa. Thaís Lima Benedetti e Profa. Cláudia Regina Bovo
Mestrandas em História/UNESP/Franca

Resumo

A utilização de fontes literárias no estudo da Idade Média pressupõe um contato direto com a linguagem original empregada na composição e transcrição destes textos. Em especial, abordamos alguns aspectos do estudo semântico na tradução de obras como *Beowulf* e o *Tristan* de Béroul.

Palavras-Chave: Literatura Vernácula, Inglês Antigo, *Beowulf*

Abstract

The using of literary sources in the study of the Middle Ages presupposes a direct contact with the original language used in the composition and transcription of these texts. Specially, we call attention to some aspects in the semantic study in the translation of works as *Beowulf* and *Tristan* by Béroul.

Keywords: Vernacular literature, Old English, *Beowulf*

Falar em uma literatura medieval é o mesmo que se aventurar em um emaranhado de significações e interpretações totalizantes que para nós, filhos da sociedade pós-moderna e da concepção de mundo fragmentada, soa como ficção e não como relato histórico construído e pactuado pela medievalidade. Na Idade Média não havia um vocábulo que designasse as atividades ou o conjunto das obras literárias, existiam termos como *litteratura*, proveniente do latim vulgar e *letreüre* do francês antigo, cujo sentido ligava-se à leitura comentada dos autores antigos ou uma aptidão à escrita e a um saber, mas não se referia a obra em si (ZINK, 2001: 79). Entretanto, a obra literária medieval trouxe um conjunto de significados e interpretações do mundo, que conferiram ao leitor-ouvinte um lugar determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, ao mesmo tempo, uma lição didática instrutiva e uma lição magisterial de ensino. Como afirmou Foucher (1991) “todo estágio de uma língua é diretamente informado por uma determinada visão de mundo e de uma determinada concepção das relações entre os homens”. O uso deste material como fonte histórica vai além da coleta e da contextualização do sistema de significações dado, pois ele dá conta de elucidar as relações entre o movimento criador de elementos culturais e suas estruturas profundas na sociedade reconhecida como real.

Desta forma, não se pode separar a prática social da criação textual, pois constituem ao mesmo tempo a base e o quadro da sociedade. A análise do texto medieval impõe dificuldades diversas, porque trata de uma sociedade diferente da nossa, na qual a referência oral era imprescindível para a composição dos textos. Até o ano 1000, a escrita expandiu-se lentamente (existiam poucas cópias dos textos, a técnica de compilação era morosa e complexa, poucos dominavam a escrita e a leitura era um hábito pouco comum) e por isto dependia muito da oralidade. Segundo Zumthor (1993), a escrita tinha por função assegurar a transmissão de um texto e garantir o seu arquivamento e enobrecimento para o futuro. Se todo conjunto literário pode nos fornecer elementos relevantes para a possível reconstrução de uma História Medieval, é significativo comentar as várias “literaturas” pertencentes ao período. Para tanto, selecionamos duas literaturas em língua vulgar: a anglo-saxônica e a francesa.

A “literatura” anglo-saxônica pode ser, em geral, relacionada a duas referências temporais: uma teutônica – pertencente à sociedade germânica primitiva – e outra cristã medieval. A literatura teutônica refere-se aos povos germânicos de uma época primitiva anterior ao seu estabelecimento na Inglaterra, onde conservaram as antigas histórias de origem continental e pagã. Já a literatura cristã (cujo grande exemplo é Beda) foi estimulada com objetivos de conversão dos anglo-saxões ao cristianismo e por homens da Igreja, atitude presente nas obras de cunho religioso do Ocidente medieval. Embora a escassez de documentos seja uma dificuldade real enfrentada pelo historiador, os poucos textos da Alta Idade Média anglo-saxônica ainda constituem-se em desafios para o mais instruído estudioso. Não somente porque o conhecimento historiográfico e literário do período nos é escasso, mas pela impossibilidade de se datar os documentos, pela forma fragmentária que nos chegaram e ainda pela dificuldade da escrita, em um estágio da língua por vezes estranha e de difícil entendimento.

Para elucidar melhor tais obstáculos, utilizamos o mais completo e antigo poema anglo-saxão conhecido, o épico (TILLYARD, 1966) anônimo *Beowulf*, difundido entre os séculos VIII e X, porém cuja única transcrição é datada aproximadamente no ano 1000. Escrito na região da atual Inglaterra, a obra apresenta 3.182 versos compostos em *Old English* (Inglês Antigo) ou Anglo-saxão, nome dado aos dialetos próximos falados na Inglaterra a partir do século V, com a migração de povos anglos, saxões e jutos na Bretanha insular, até o século XI, período da Conquista Normanda, (BOLTON, 1972), quando o francês tornou-se a língua falada pela aristocracia.

Bolton explica que o Inglês Antigo é uma língua que engloba vários dialetos, sendo os principais o *Kentish* (da região de Kent), o *Mercian* (da Mércia), o *West Saxon* (da Saxônia Leste) e o *Northumbrian* (da Nortúmbria), além das influências continentais do Nórdico Antigo (Old Norse), do Velho Alto Alemão (Old High German) e do Saxão Antigo (Old Saxon), entre outras. No entanto, podemos considerar o Inglês Antigo como quase que totalmente uma língua germânica, apesar de algumas influências de palavras derivadas do Latim (BAUGH; CABLE: 53). À primeira leitura, um texto escrito em Inglês Antigo parece-nos complicado e desestimulante pela grafia diferente empregada. Algumas letras não pertencem ao alfabeto inglês atual, embora possivelmente a pronúncia tenha se conservado. Entretanto um pequeno esforço é sempre gratificante, na medida em que as palavras, aos poucos, fornecem um aspecto da sociedade medieval. Um exemplo da importância da análise semântica das palavras é o artigo de Sokolova, “Signification des termes ‘ham’ et ‘tun’ dans les documents anglo-saxons” (1973), no qual o estudo da mudança de sentido das palavras “ham” e “tun” (domínio, senhorio, vila) no final do século X e início do XI mostram que, a partir de uma conotação de “propriedade camponesa livre” anterior ao século X, estes termos passam a ter seus significados ligados à noção feudal.

Para um adequado trabalho de tradução de textos do período anglo-saxônico torna-se imprescindível a utilização de dicionários, dos quais alguns já se encontram disponíveis. Com as consultas freqüentes aos mesmos, uma representação da Idade Média toma forma. O contato com textos em Inglês Antigo exige igualmente uma observação mais apurada, devido à inversão sintática da ordem das palavras numa frase (que pode ser também observada no Alemão Moderno, com o verbo geralmente localizado no final da frase), o uso do *kennning* (espécie de metáfora), bem como a grafia diversa de uma mesma palavra (já que as palavras eram transcritas da maneira que eram escutadas).

Em relação à grafia, notamos que muitas vezes uma palavra, a princípio estranha como *•æt*, conservou-se no Inglês Moderno como “that” (“aquele”), *•ær* como “there” (“lá”), *eall* como “all” (“tudo, todos”), *æfter* como “after” (“depois”) e *faest* como “fast” (“rápido”). Alguém que conhece o Inglês Moderno poderia sentir-se familiarizado com estes termos, o que não serviria para alguns outros como *næfre*, “never” (“nunca”), *hu*, “how” (“como”) ou ainda *nu*, “now” (“agora”) ou os verbos *don* (“to do”; “fazer”), *druncne* (“to drink”; “beber”), *willan* (“to wish”; “desejar”) ou *hieran* (“to hear”; “ouvir”).

Sobre os sufixos, muito se pode dizer da gramática do Inglês Antigo, lembrando que nossa análise e percepção estarão limitadas pela alteridade existente entre a nossa visão de mundo e a visão do medievo. Os verbos, por exemplo, são formados por um duplo sentido: com a inicial *be* (“over”, “round”) como em *bebugan* que significa “surround” (“rodear”) ou *begeotan*, “pour over” (“deitar, derramar sobre”). Por sua vez, as terminações dos substantivos ajudam a defini-los como adjetivos, como em *blodig* (“bloody”, “sangrento”) com a terminação em *ig* e *selflic*, “spontaneous” (“espontâneo”) com a terminação em *lic*. Os nomes femininos abstratos formados a partir de adjetivos possuem a terminação *nes*, como *æwfaestnes*, “piedade” ou *eadnes*, “prosperidade”.

Nosso intuito não é aqui fazer uma síntese gramatical do Inglês Antigo, mas colocar algumas observações necessárias para a tradução de um documento nesta língua. Nossa pesquisa torna-se mais árdua, quando percebemos que muitas palavras conservam sua forma, mas não seu conteúdo, ou seja, a palavra mantém a mesma grafia, porém seus significados são diversos. O termo *fore*, por exemplo, pode significar “antes, porque, na presença de, por razão de, ao invés, uma vez que” ou *oder*, “um dos dois, ambos, outro, algo mais, fala, discurso” ou ainda *wið* sendo “com, contra, através, para,

até que, acima, em direção a”. Além disto, é interessante comentar que em *Beowulf* existem pelo menos 30 palavras diferentes para “rei”. Nesta perspectiva, o manuseio de fontes primárias em línguas antigas se faz imprescindível para se ter um melhor conhecimento do período medieval no que se refere à tradução de palavras originais do texto e sua diversidade lingüística, que necessariamente implica em dados de fundo histórico-social. Além do Inglês Antigo, outros dialetos existiram na Bretanha insular e no continente, como, e.g., o Francês Antigo (*L’Ancien Français*), que entre os séculos IX e XIII foi o mais utilizado na composição dos textos em língua vulgar.

Durante o século XII, estas composições escritas e recitadas em língua vulgar tiveram maior produção e divulgação junto às cortes laicas, devido ao grande estímulo dado pela casa dos Plantageneta à produção de obras para o entretenimento e ensino. As obras vernáculas, que de certa forma resistiram à cristianização, mas se perpetuaram através dela, expressaram uma imagem poetizada da realidade que tomou valor de modelo, revelando novas regras de conduta, que muitas vezes iam na contramão das propostas morais encabeçadas pela Igreja. Ao utilizarmos uma literatura nascida e desenvolvida em meio ao movimento denominado “renascimento cultural” (BROOKE, 1972) que laicizou a escrita e permitiu a construção de uma visão de mundo laica, asseguramos assim a investigação de hesitações e opiniões que escaparam às normas produzidas pela Igreja medieval.

As composições eram feitas em Francês Antigo, uma língua originada do *sermo vulgaris*, isto é, o latim vulgar, de elementos dos dialetos germânicos e alguns elementos do grego (ANGLADE, 1965). O Francês Antigo não é uma língua no sentido moderno, mas um conjunto de dialetos falados na França do Norte, tais como *wallons* e *lorrains* da região de *Lorraine*, o *normand* da Normandia, o *angle-normand* da Inglaterra, o *picard* da região da Picardia, o *bourgrunon* da Borgonha, o *champenois* da *Champagne* e o *francien* da Ilha de França, que deram origem a língua *D’oil*.

Como outras línguas românicas, o Francês Antigo é uma língua analítica, na qual não há regras sintáticas absolutas aplicadas de maneira uniforme. Na construção da frase, o verbo pode vir antes do sujeito e pode não concordar em número com o mesmo. Os nomes coletivos, como *chevalerie*, são freqüentemente seguidos de um verbo no plural e o uso dos auxiliares *être* e *avoir*, em geral, segue a regra da língua moderna. Muitas palavras vindas do latim vulgar conservaram a mesma grafia no Francês Antigo, como: *Deus* (*latim*) – *Dex* (*fr.ant.*) que significa “Deus”; *homo* (*latim*) – *homo*, *hom* (*fr. ant.*) “homem”. A presença dos elementos germânicos restringe-se em sua quase totalidade à terminologia da guerra: *guerre*, *éperon*, *armures*, que significam respectivamente, “guerra”, “armas” e “espada”.

Foi dentro deste movimento criador que novos gêneros se desenvolveram. Um exemplo é o *roman*, criado pelos *trouvères*, uma forma narrativa composta primeiramente em versos, sendo o “primeiro gênero destinado à leitura, mas à leitura em voz alta” (ZINK, 2001: 81). De acordo com as referências de Zumthor, a expressão utilizada pelos “romancistas” medievais para designar seus escritos era *mettre en roman* ou “pôr em romance”, que significa propriamente “glosar em língua vulgar, pôr clarificando o conteúdo ao alcance dos ouvintes, fazer compreender adaptando às circunstâncias (ZUMTHOR, 1993: 267). Os temas deste novo gênero literário procede da matéria da Bretanha – conjunto de lendas oriundas da tradição celta – na qual se inclui o círculo do rei Artur, as histórias de Merlim e a lenda de Tristão.

Neste meio insere-se o *Tristan* de Béroul, primeiro fragmento encontrado, que trata da lenda de Tristão e Isolda. A obra foi transcrita entre 1160-1170 no norte da França pelo normando Béroul. Do seu texto nos chegou um fragmento com 4452 versos escritos em língua *D’oil*. Apesar da existência comprovada de algumas

lacunas no interior do texto (PAYEN,1989), ele traz uma coerência interpretativa repleta de juízos de valor a respeito dos comportamentos sociais. O normando Béroul não se desvencilhou das problemáticas do seu tempo, seja abordando a valorização da cavalaria, o matrimônio ou as relações entre o poder monárquico e senhorial. A influência da oralidade no documento é expressiva, pois em várias passagens Béroul insere o público dentro da narrativa, chamando-o a participar das aventuras das personagens. Deus é uma personagem muito presente na obra; a todo momento, o autor utiliza-se da presença deste para assegurar um estatuto de legitimidade para o que proclama.

A tradução do Francês Antigo para o português é problemática, no sentido de que é difícil a reconstituição de um contexto social e literário, no qual expressões e significados se perderam há séculos. No *Tristan*, devido à intensa oralidade, principalmente os nomes próprios são grafados de diversas maneiras. O nome de Tristão aparece escrito como *Tristan*, *Tristram*, *Tristran*, já para o nome Isolda temos duas grafias, *Yseut* e *Iseut*. Alguns vocábulos não têm um significado preciso e restrito, por exemplo, acredita-se que *essille* seja originária do termo latino *exil*, que faz referência a uma destruição, a um sofrimento e também à condição de exilado. Nesta circunstância, é preciso analisar a palavra em função do texto, naquilo que este traz em si do “campo semântico e do espaço lexical” (GUERREAU, 2001: 220). Outro problema é encontrar um significado preciso das expressões utilizadas, já que o conteúdo destas não é alcançado pela tradução pura e simples dos vocábulos que compõem a expressão. Para o conceito “amor” há na obra quatro expressões: *druerie* (amor ou presente dado em função do amor), *fine amor* (amor perfeito, amor honrado), *fole amor* (amor culpado, amor desonroso) e *amour* (amor). Cada uma delas traz significações diferentes, que estão circunscritas à intenção moral da obra. Muitas não se encontram traduzidas para o Francês Moderno, pois o significado delas se perdeu; o que conseguimos são aproximações que, fora do texto, não tem sentido.

Assim, as traduções dos textos medievais merecem um tratamento especial, pois todo sentido de uma expressão lingüística ou literária e de um enunciado depende de uma estrutura, na qual se encontra um conjunto articulado de relações submetidas a uma hierarquia. Como salientou Guerreau (2001), o medievalista deve dar uma atenção especial ao campo da “semântica histórica” para construir um sentido coerente para a Idade Média, que não seja independente do sentido atribuído a ela por seus contemporâneos. “As palavras na medida em que são empregadas (sempre em um enunciado), são os elementos de base de um sistema de representações que é ao mesmo tempo um produto da realidade social e uma parte integrante dela” (GUERREAU, 2001: 207).

Bibliografia

- ANGLADE, Joseph. *Grammaire élémentaire de l'ancien français*. Paris: Armand Colin, 1965.
- BAUGH, Albert B.; CABLE, Thomas. *A history of the English language*. London: Routledge, [s.d].
- BÉROUL. *Tristan*. PAYEN, J. C.(ed.) *Tristan et Yseut*. Paris: Bordas, 1989, p. 03-141.
- BOLTON, W. F. *A short history of literary English*. London: Edward Arnold, 1972.
- BROOKE, Christopher. *O Renascimento do século XII*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- BURKE, P ; PORTER, R. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo : Ed. Unesp, 1993.

- CASTEL, R. Le roman de la désaffiliation. À propos de Tristan et Iseut. *Le Débat*, 61, 1990, p. 152-164.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 05, n. 11, São Paulo, 1991, p. 173-191.
- CHICKERING Jr., Howell D (ed.). *Beowulf: a dual-language edition*. New York: Anchor Books, 1977.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- FRAPPIER, Jean. Structure et sens du Tristan : version commune et version courtoise. *Cahiers de Civilisation médiévale*, 06, 1963, p. 255-288.
- FRAPPIER, Jean. Vues sur les conceptions courtoises dans le littératures d'oc et d'oïl au XII siècle. *Cahiers de Civilisation Médiévale*, 02, n. 02, 1959, p. 135-156.
- FOUCHER, M. Introdução. In : TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- GREIMAS, A.J. *Dictionnaire de L'Ancien Français*. Moyen Âge. Paris : Larousse, 1989.
- GUERREAU, Alain. *L'Avenir d'un passé incertain*. Paris: Seuil, 2001.
- HALL, J. R. C. *A concise anglo-saxon dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.
- HOLDEN, Anthony. Note sur la langue de Béroul. *Romania*, 355, 1989, t. 89, p. 387-399
- QUIRK, Randolph; WRENN, C. L. *An Old English grammar*. New York : Holt. Rinehart&Wiston, [s.d.].
- ROSENFELD, Katharina H. *A história e o conceito na literatura medieval*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SOT, M; GUERREAU-JALABERT, A.; BOUDET, J.P. A Singularidade Medieval. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- SOUZA, Neri de Almeida. História cultural, cultura folclórica e hagiografia. *História*, São Paulo, v.17/18, 1988/1999, p. 243-264.
- SOKOLOVA, M. N. Signification des termes “ham” et “tun” dans les documents anglo-saxons. *Cahiers de civilisation médiévale*, 16, 1973, p. 123-132.
- SUBRENAT, J. Sur le climat social, moral, religieux du Tristan de Béroul. *Le Moyen Âge*. t.82, n. 02, 1976, p. 219-261.
- TILLYARD, E. M. W. *The English epic and its background*. New York: Oxford University Press, 1966.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Notas

- (1) O conceito “matéria” refere-se a um conjunto de temas de origem e de domínio coletivo que circularam em diferentes formas de expressão durante a Idade Média.